



AS FUNÇÕES DA LITERATURA

Felipe da Silva Lopes¹

Resumo:

A pesquisa objetivou expor quais são as funções da literatura no tecido social do Estado Democrático e esclarecer como elas poderão ser agregadas ao conjunto literário. A metodologia foi qualitativa, quantitativa, teórica, descritiva, explicativa, projetiva e bibliográfica. O resultado foi descobrir que a literatura é acompanhada de quatro funções essenciais, a saber: a catártica, a estética, a cognitiva e a político-social.

Palavras-chave: Literatura, Estado Democrático, Funções.

THE FUNCTIONS OF LITERATURE

Abstract:

The research aimed to expose what are the functions of literature in the social fabric of the Democratic State and to clarify how they are added to the literary ensemble. The methodology was qualitative, quantitative, theoretical, descriptive, explanatory, projective and bibliographic. The result was to discover that literature is accompanied by four essential functions, namely: cathartic, aesthetic, cognitive and political-social.

Keywords: Literature, Democratic State, Functions.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo das Eras, o ser humano sempre buscou formas de deixar a sua marca no mundo. Para que isso fosse viabilizado, foi gestada a cultura que concretiza as diversas formas de manifestação do homem na natureza, na sociedade, no território e na vida. Algumas formas de manifestação cultural são: as pinturas, as telas, as esculturas, a música, a literatura, a vestimenta, a alimentação, a ideologia e a construção da organização político-social das comunidades.

A Agenda 2030², no âmbito internacional, possui 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Desses, o quarto propósito trata de metas para o alcance de uma Educação

¹ Mestrando em Ciência Jurídica pela Universidade do Vale do Itajaí e Mestrando em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

² “A Agenda 2030 é um plano de ação para as pessoas, o planeta e a prosperidade, que busca fortalecer a paz universal. O plano indica 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, os ODS, e 169 metas, para erradicar a pobreza e promover vida digna para todos, dentro dos limites do planeta. São objetivos e metas claras, para que todos os países adotem de acordo com suas próprias prioridades e atuem no espírito de uma parceria global que orienta as escolhas necessárias para melhorar a vida das pessoas, agora e no futuro” (ONU, 2020, s. p.).



de qualidade e, de forma geral, intenta a garantia de Educação Inclusiva e equitativa para todas as pessoas, em que a aprendizagem seja aperfeiçoada ao longo da vida – na medida em que o sujeito se desenvolve. Embora a meta possua um enfoque basilar (ainda na concretização da Educação Básica), ela se estende para todo o processo educacional do ser humano, já que tal processo é contínuo e permanente, não se exaurindo com a obtenção de graus acadêmicos oficiais.

Uma maneira de consumir a Educação de qualidade, no âmbito da sociedade brasileira, é por intermédio da implementação de políticas curriculares de concretização efetiva, que estimulem o desenvolvimento permanente do estudante para além da Educação Básica por meio do exercício literário.

A Constituição da República Federativa do Brasil possui como principal fundamento a persecução contínua pela concretização da dignidade da pessoa humana, lastreada no exercício da cidadania, para assim realizar a construção de uma sociedade fraterna, desenvolvida, não periférica e que tenha como finalidade o bem de todos, conciliando os direitos sociais com os direitos econômicos de forma equilibrada.

Dessa forma, surge o exercício literário com as suas funções como instrumento de expressão, de fé, de resistência, de ironia, de emoção, de vida, de morte e de transcendência. Nesse contexto, a pergunta de partida deste artigo é: quais são as funções da literatura, no atual panorama social do Estado Democrático?

Essa pergunta foi motivada pela reflexão e pelo pensamento desenvolvidos no estudo das Letras, na sua dimensão literária, para além de estudos Linguísticos, pelo elo formado pela Teoria da Literatura, pela Literatura Portuguesa, pela Literatura Brasileira e pela Literatura Africana de Língua Portuguesa, em que se constatou que a Literatura é muito maior que a sua dimensão estética e de narração do elemento social do Estado.

Assim, a pesquisa objetiva expor quais são as funções da literatura no tecido social do Estado Democrático e esclarecer como elas poderão ser agregadas ao conjunto literário. Elas podem transformar o indivíduo e são as seguintes: catártica, estética, cognitiva e político-social.

Para isso, esta investigação emprega a metodologia, quanto à abordagem, no seu caráter qualitativo, porque aprofunda o constructo teórico sobre o objeto da pesquisa, bem como no quantitativo, porque busca a objetividade com base na análise de dados, elaborados



de forma padronizada e neutra, extraídos das revistas científicas, dos livros e demais formas de literatura que compõem a análise deste artigo.

A natureza desta investigação é teórica porque aspira elaborar uma discussão no âmbito das teorias e pensamentos de uma área. Já o caráter do estudo é descritivo, explicativo e projetivo: descritivo porque proporciona o levantamento de dados com descrição e estabelecimento de relações entre os aspectos levantados; explicativo porque busca interpretar os fenômenos estudados, identificando suas causas; e projetivo porque estabelece base e perspectiva futura sobre o tema que estimulará a continuidade da pesquisa sobre a temática. E a fonte é bibliográfica, em razão de utilizar artigos científicos publicados em periódicos indexados e em livros que abordem a temática.

A relevância deste artigo é o estabelecimento e a consolidação das funções da literatura para compreensão da atividade humana e suas manifestações para o Estado Democrático no século XXI, para estímulo do desenvolvimento do pensamento dos literatos e dos demais leitores para fins de construção da Educação e das Letras libertárias e emancipadoras.

2 FUNÇÃO LITERÁRIA CATÁRTICA

A palavra “catarse” deriva etimologicamente da palavra grega *kátharsis*, que possui como significado purificação, purgação, mênstruo, alívio da alma pela satisfação de uma necessidade moral (HOUAISS, 2001), mas também pode ter o sentido de uma libertação do que estava reprimido ou de um alívio causado pela consciência de sentimentos ou traumas reprimidos, com o ato final de liberdade sendo representado por sentimentos de medo ou de raiva (DICIO, 2019).

Nesse sentido, o ensino da arte auxilia a literatura, pois, conforme Chisté (2015, p. 47-48):

O ensino da arte constitui-se como fundamental integrante no processo de formação do ser humano, pois a relação entre a obra de arte e o sujeito permite o desencadeamento de um processo reflexivo fundamental na construção social do indivíduo. Possibilita que o sujeito participe de vivências estéticas que o estimule a repensar seu cotidiano, colaborando com a ampliação de seu conhecimento de mundo, do outro e de si. No mundo contemporâneo, onde o poder é exercido, muitas vezes, pela mídia e pela publicidade, somos desafiados a compreender imagens que se colocam como reconstituições simbólicas do real fetichizado. Portanto, nesse contexto, consideramos que o processo reflexivo originado pela relação do sujeito



com a obra de arte é fundamental para colaborar com a transformação das estruturas alienantes, proporcionando uma nova atitude diante dos acontecimentos cotidianos. Nesse sentido, a arte precisa ser conhecida e valorizada por todos os indivíduos. Essa produção humana é parte integrante do desenvolvimento da humanidade, capaz de revelar/apresentar o contexto histórico e cultural através de sua materialidade. A arte é produto do trabalho do homem e, por suas particularidades, suscita no receptor processos catárticos que o fazem pensar sobre sua vida, sobre o mundo e sobre o outro. No espaço expositivo (galerias de arte, museus, centros culturais etc.) e no espaço escolar, os sujeitos dessa mediação são: o artista e sua obra, o professor, o educador do espaço expositivo e os alunos, assim como outros sujeitos que atravessam a relação arte/receptor.

Portanto, o ensino da arte tem como desafio ampliar e aprofundar a experiência estética do educando, constituindo-se como fundamental integrante no processo de formação do indivíduo. O encontro com a obra de arte, promovido pela escola e pelo espaço expositivo, torna possível que o indivíduo reconheça sua própria essência, sua história no processo de desenvolvimento do ser humano. Além disso, entender a obra de arte envolve compreendê-la em seu contexto, conhecer a poética do artista e atribuir sentidos a ela. Sentidos carregados da vivência do receptor.

O fundamento da catarse como função literária está presente na obra *Poética*, de Aristóteles (1992, p. 24), como sendo o seguinte:

a tragédia é uma simples mimesis de uma ação nobre, completa e de certa extensão, em linguagem embelezada separadamente pelas diversas formas de cada parte; é mimesis que se realiza por agentes e não por narrativa, e que conduz, através da piedade e do temor, para a purificação [catarse] de tais emoções.

Ou seja, quando os espectadores do teatro grego antigo, no caso, os atenienses, por exemplo, tiveram contato com o prazer trágico, ocorreu uma consequência emocional que os conduziu a sentir afinidade com os protagonistas do drama, promovendo a piedade, levando-os a vivência de uma experiência interior que produziu um duplo efeito, a saber: a identificação (quando o espectador se compadece com o protagonista) e a rejeição (quando o espectador sente o temor de chegar aos atos realizados pelo protagonista teatral) (CHISTÉ, 2015).

A função catártica (ARISTÓTELES, 1992), enquanto literária, tem seu ápice na tragédia, uma vez que ela não é a mera imitação de/dos homens, mas de ações e vida, de felicidade plena ou, na sua falta, de infelicidade. Com isso, é possível refletir sobre o sentido da vida (para aqueles que buscam determiná-lo) ou permanecer no questionamento acerca disso, mas estabelecem valor sempre pelas ações e não pelas qualidades intrínsecas dos sujeitos, pois, conforme o filósofo grego, o ser humano possui suas virtudes conforme o caráter, mas ele pode ser bem ou mal aventurado pela prática de atos concretos. Daí porque a



tragédia clássica enfoca na imitação de caracteres pelas personagens para efetuar determinadas ações.

Segundo Bocayuva (2008, p. 47):

A tragédia imita a vida com o viver, com o agir, vida essa que necessariamente, sem qualquer garantia prévia, pode se desenrolar seja como boa, seja como má aventura. Ora, se vida consiste essencialmente em ação, em decisão, vida encontra-se sempre em risco, pois, ação é sempre risco.

Dessa forma, a função catártica é empregada nas obras literárias a fim de realizar uma aproximação entre o espectador e seus sentimentos, fazendo com que ele se envolva com o que assiste ou lê, para que sinta as dores e os sofrimentos da personagem (SILVA; IRIYODA, 2007).

Sobre essa função catártica, Chisté (2015, p. 61) esclarece:

Como se trata de um conceito fundamental para se pensar a formação humana, sobretudo a formação estética, propusemos relacionar o processo catártico ao ensino da arte, promovido tanto pela escola quanto pelo espaço expositivo. Diante dessas ideias, pudemos concluir que cabe aos espaços expositivos buscar, em seus setores educativos, aproximar os objetos artísticos do público, efetivar sua função educativa, cultural e social, promover o acesso e a apropriação dos bens culturais constituintes da nossa história. Do mesmo modo, é função da escola, e por consequente do ensino da arte, dar condições para que os indivíduos se apropriem das produções científicas e artísticas elaboradas pelo homem.

É responsabilidade desses espaços proporcionar momentos em que os indivíduos possam se apropriar dessas produções para se reconhecerem como integrantes do gênero humano, capazes de transformar suas realidades sociais, históricas e culturais. Tais ações integrarão um ciclo reiterativo de processos catárticos.

Segundo Machado (2011, p. 470):

A catarse, por fim, nada mais é do que a purificação das emoções através dos sentimentos de terror e de piedade. Nesse sentido, as tragédias gregas – como depois as romanas – podem ser compreendidas como “didáticas”, pois visavam, de certa forma, manter um equilíbrio entre o ser humano e o cosmos que integrava. Isso significa que, quando o espectador assistia a encenação das tragédias, observando o que ocorria às personagens em consequência de seus erros, de suas desmedidas, esse espectador reavaliaria seus próprios impulsos, suas próprias emoções “funestas”, e pouparia a si e aos outros de possíveis erros trágicos, que pudessem desestabilizar a família e a sociedade. Tal acontecia, como se disse, mediante o terror – diante de uma ação “trágica” (traições, assassinatos) e mediante a piedade (por aqueles que eram vítimas dessas ações).

A função literária catártica tende a ser responsável pelo surgimento de uma determinada prática comportamental, fundada em processos psicológicos que se juntam ao



conjunto cultural, elaborando formas possíveis e plausíveis do ser humano exercer controle sobre suas ações e pensamentos; sendo que a literatura, de forma geral, e a escrita, de forma específica, realizam a exploração do universo psíquico, tendo como centro o escritor como sujeito em contato com o real e possível externalizador do ato catártico, preso aos universos subjetivos e intersubjetivos, onde há o vislumbre da essência da infinitude, a realização das possibilidades do ser, bem como a reconstrução de desejos aparentes e transcendentais (LOPES; SILVA, 2019).

3 FUNÇÃO LITERÁRIA ESTÉTICA

Composta pela experiência estética literária, essa função pode ser concebida como a percepção ou a apreensão de uma criação literária e das reações suscitadas, com base nas características postas em jogo pelo autor no processo de produção (CEALE, 2019), visto que o valor literário de uma obra literária “não é algo que possa ser proposto como um absoluto em si mesmo, na medida em que circula por ordens muito próprias de existência social e cultural dos objetos considerados artísticos” (CEALE, 2019, s. p.).

A literatura, como manifestação artística, tem a linguagem seu objeto, sua matéria-prima, desde Eras milenares, em que as grandes produções são concebidas pelos textos desenvolvidos a partir da Grécia Antiga (SILVA; JOB, 2014). A função literária estética garante a experiência de dar carga semântica a uma obra, fruto da realização da leitura, lastreada na estrutura aberta do texto estético, o que cria um jogo de sentidos para um escrito, que, ao fim, se transforma numa grande motivação para que o leitor direcione seu conhecimento de mundo, suas vivências, e gere atualização a cada texto que lê (GOULART; TRINDADE, 2013).

Neste sentido, esclarece Fischer e Silva (2018, s. p., grifo do autor):

A prática da literatura é aquela que não só expõe e inscreve o corpo na cena de aprendizagem, protagonizando uma experiência genuína de formação, como também promove o encontro entre leitor e escritor, tendo como espaço primordial o *texto*. Ler e escrever residem na experiência de se deixar perder nas linhas e no traçado de um espaço literário que encena o gesto de escritura. Assim, é o corpo que (se) escreve, é o corpo que (se) lê. É o corpo que trabalha e faz os significantes alterarem seus lugares e subverterem o sentido convencional dos signos, retirando-lhes de um suposto lugar conforme, fixo, estereotipado.



Nessa função atribuída ao literário pelo elemento estético, a literatura pode ser considerada como uma força de iniciação vital, com complexos e variações. Entretanto, justamente por essa razão, ela nem sempre é desejada pelos educadores: seus padrões nem sempre suscitam elevação ou edificação. Em contrapartida, a literatura traz como elemento de liberdade em si o que chamamos de bem ou de mal, humanizando profundamente porque faz viver (CANDIDO, 2004).

A função estética orienta o olhar do leitor para o mundo pelo conteúdo da obra, que passa a ser fundado pela relação arte e mundo, afastando uma concepção meramente utilitária (que reduz a obra literária às intenções do autor). É pela estética que os sentidos do homem são ampliados, a ponto de permitir a contemplação da obra pela via artística – ou seja, pela abertura da obra, o sujeito pode ser encaminhado aos múltiplos formatos de interpretação, pois a obra é inacabada, indefinida, e quanto mais aberta a obra for, mais caminhos serão oferecidos ao leitor (ECO, 2010).

A literatura viabiliza caminhos para um diferente conjunto de olhares para novos ou antigos estilos e formas, fazendo com que a diferença de observações fomente novas percepções da imagem do mundo e da vida. Contudo, é válido salientar que o grande desafio da literatura é o de saber tecer ou arranjar em conjunto os diversos saberes e as diversas codificações numa visão plural e multifacetada do mundo que conhecemos (CALVINO, 1998).

Pode-se compreender que, pelo caminho da função literária estética, o leitor pode desenvolver o papel do crítico literário de forma viva – isto é, desempenhar a personalidade e intervir na sensibilidade para formar um juízo, baseado na sua impressão, de forma que, entre essa interpretação e o juízo, todo o trabalho de elaboração e análise da obra se reduz a uma objetividade que forme juízos acerca da obra literária. Contudo, essa objetividade não é estática (CANDIDO, 2000).

Na estética, segundo Andriola e Silva (2013, p. 9):

O objetivo principal da Estética da Recepção é trabalhar com o resultado da investigação, que coincide com a reconstituição do “horizonte da pergunta e da resposta”, e não o da época em que a obra foi escrita, quem a escreveu e por quê. Portanto, o foco da história da literatura deve recair sobre o leitor, ou a recepção e não sobre o autor, a produção.

Contudo, a função social da arte é de influenciar o destinatário, quando aborda normas ou as cria, veiculando-as, poderá reproduzir padrões já existentes, mesmo que ao fazê-lo, reforce-os, e consegue ultrapassar a condição de reflexo. A arte também pode antecipar-se à sociedade, quando sua produção está muito à frente



dela, ela é inovadora e rompe com códigos “consagrados”. Quando isso acontece, assume a natureza utópica, apresentando não o que é, mas o que poderá ser. Enfim, a literatura, na prática, assume uma função importante: a de criar ou destruir normas, e do exame da experiência estética, verificar a importância da identificação quando esta estiver na condição de exercício da função comunicativa, por parte de um produto artístico.

A literatura é detentora, dentre os seus percursos e processos ficcionais, estéticos e imaginários, de conhecimentos antropológicos, por isso a leitura promove a construção de um saber e uma realidade (ISER, 1996).

Na função literária estética, o leitor, a obra e autor estarão sempre juntos e nunca dissociados, pois o leitor preenche os vazios textuais por sua ativa função participativa – não uma recepção passiva, como era compreendido antigamente. Com isso, ele amplia sua visão dos conceitos textuais e apropria-se deles para refletir sobre sua existência e identidade (OLIVEIRA; MENDES, 2015).

Todavia, é preciso ressaltar uma crítica: a literatura como função estética (também conhecida como “a arte pela arte”, com ênfase na forma estética da obra – deixando de lado, por vezes, a questão do conteúdo político-social que poderia ser abordado dentro do texto) leva alguns teóricos a pensar que essa função não pode ser considerada satisfatória, em razão da centralização no belo (DENIS, 2002).

4 FUNÇÃO LITERÁRIA COGNITIVA

Considera-se como cognitiva a função literária que é diversa do pensamento conceitual e abstrato, que oferece ao leitor modelos de ação humana e percepção mundana (GELHAUS, 2012). Dessa forma, por meio dessa função, a literatura organiza o conhecimento por esquemas, em que a aprendizagem se funda na acumulação e organização estrutural cognitiva. Assim, para cada estrutura há um objeto, ideia ou evento, como um conjunto de atributos conectados às outras estruturas cognitivas (SCHWARZELMÜLLER, 2005).

Corroboram com isso Araújo, Coelho e Silva (2018, p. 18):

O professor que trabalha dinamicamente com a língua saberá extrair do texto potencialidades para as aulas de língua, não deixando de balizar suas considerações pela época. Assim, o aluno, diante de um texto com construções que lhe pareçam desatualizadas em relação aos usos vigentes, poderá enriquecer sua visão da língua, confirmando que um sistema linguístico vivo está em constante evolução. Caberá ao



professor estimar adequadamente as condições de seus alunos para enfrentar este ou aquele trabalho a partir de textos mais desafiadores, quer pela complexidade do estilo do autor, quer pelo distanciamento entre o momento de produção do texto e a atualidade. Adequação e pertinência dos textos a cada faixa etária e escolar são a chave para a produção de um material didático que de fato favoreça a aprendizagem. Literatura requer alfabetização, partindo da leitura dos textos mais simples (estruturalmente falando), indicados para leitores de idades mais tenras, até chegar-se aos textos com trabalho estilístico mais complexo. É preciso ler a estrutura e ler o que ela representa, mergulhando no campo metafórico das imagens e dos recursos estilísticos.

Nesse caso, a leitura será um processo dinâmico, para além dos processos linguísticos, por ações cognitivas do leitor, em que ele formulará esquemas para adquirir novas informações a cada lida do texto. Esse percurso de aprendizado levará o sujeito ao amadurecimento intelectual, em que ele estabelecerá uma relação integrada com o texto para atribuição de significado (BOSO; GARCIA; RODRIGUES; MARCONDES, 2010).

Para Fischer (1987, p. 13):

Quer relacionar-se a alguma coisa mais do que o “Eu”, alguma coisa que, sendo exterior a ele mesmo, não deixe de ser-lhe essencial. O homem anseia por absorver o mundo circundante, integrá-lo a si; anseia por estender pela ciência e pela tecnologia o seu “Eu” curioso e faminto de mundo até as mais remotas constelações e até os mais profundos segredos do átomo; anseia por unir na arte o seu “Eu” limitado com uma existência humana coletiva e por tornar social a sua individualidade. [...] sente que só pode atingir a plenitude se se apoderar das experiências alheias que potencialmente lhe concernem, que poderiam ser dele. E o que o homem sente como potencialmente seu inclui tudo aquilo de que a humanidade, como um todo, é capaz. A arte é o meio indispensável para essa união do indivíduo com o todo; reflete a infinita capacidade humana para a associação, para a circulação de experiências e ideias.

Com o ato da leitura, há o desenvolvimento linguístico para a compreensão do fictício, com a função específica da fantasia infantil, a credulidade na história e a aquisição do saber (ZILBERMAN, 1993).

E, conforme Gelhaus (2012, p. 7):

Uma contribuição genuína da literatura consiste na capacidade de objetivar linguisticamente experiências não proposicionais. A literatura moderna trabalha na articulação do antes não articulável, trabalha com os meios linguísticos e formais para a representação das assim chamadas experiências-limite como também de experiências extralinguísticas (não proposicionais). O âmbito de tais experiências não proposicionais é muito amplo; ele abarca as impressões sensoriais imediatas e pré-linguísticas, como experiências de sons, cores, odores e impressões táteis, mas também experiências altamente complexas, marcadas emocionalmente, como traumas e recordações. A linguagem também é o meio universal da comunicação e do pensamento, mas ela tem – como todo meio – limites performativos e



sistemáticos. Dito de outra forma: a experiência humana e a articulação linguística sobrepõem-se, mas não são congruentes. Para autores considerados, pela recepção, representantes de uma época é possível dizer, de forma generalizante, que o motivo de sua atratividade consiste na capacidade de ter expandido a fronteira da experiência e da articulação. Talvez esteja aqui a possibilidade mais clara de diferenciação da literatura e da literatura trivial: a literatura trabalha no limite do não proposicional e cria novas formas de articulação.

Neste sentido, esclarece Cassirer (2001, p. 233):

Graças a essa inter-relação, também na linguagem o “caminho para o exterior” torna-se, ao mesmo tempo, o “caminho para o interior”. É somente na medida em que a intuição externa adquire uma precisão crescente na linguagem, que a intuição interna pode realmente desenvolver-se: precisamente a configuração das palavras referentes ao espaço torna-se, para a linguagem, o meio de que ela necessita para a designação do eu e para a sua delimitação em face de outros sujeitos.

A função cognitiva, na literatura, auxilia o leitor no desenvolvimento da linguagem e do conhecimento por trabalhar formas de articulação que ajudam o indivíduo a delimitar o mundo em si, a entender Eras, por indicar diversos caminhos, onde a relação entre sujeito e objeto perde uma linha definida para criar um limite cinzento, que varia segundo o conhecimento de cada ser.

5 FUNÇÃO LITERÁRIA POLÍTICO-SOCIAL

A ideia de que uma obra literária tivesse apenas a função de apresentar ao leitor o belo foi se tornando cada vez mais obsoleta, em razão dos conflitos sociais e das guerras que começaram a irromper, não permitindo que as pessoas permanecessem em estado de inércia ou de silêncio. Portanto, para a literatura, existe o acoplamento da arte intelectual para afastar a concepção meramente estética (SILVA; JOB, 2014).

Pensar qual é a função da literatura no mundo pós-guerras mundiais passou a ser o centro do pensamento de estudiosos das Letras e das Ciências Humanas, pois eventos urgentes, como a Grande Depressão, obrigaram que todos fizessem um reexame metodológico, já que, no meio da estagnação econômica e das ameaças de totalitarismo, chegou-se à conclusão que a literatura deveria ter uma função política capaz de condenar a mesquinhez e a crueldade, ao mesmo tempo em que indica caminhos para a construção de uma sociedade mais justa (BURNS, 1989).



A literatura passa a ser vista como um componente construtivo do pensamento social, ao passo que procura uma direção para valores da nacionalidade (definição política aberta de cada Estado Soberano) ao criar evidências de crenças e percepções pessoais, em que o leitor possa refletir sobre seu jeito de ver a vida e de existir no mundo (SANTOS, 2008).

Para Mora, Rayner e Azevedo (2018, p. 7-8):

Desde o final dos anos 1990, no contexto mundial, e em particular na Europa, a arte política tem vindo a reavivar-se enquanto discurso e prática de questionamento dos modos de organização da vida coletiva nas suas estruturas de poder e de dominação, quer por interlocutores do mundo científico, quer por instâncias e agentes do mundo da(s) arte(s). Na sua dimensão social (ou relacional), a arte intervém junto de indivíduos, grupos, ou comunidades, em escalas simbólicas e territoriais diversas – no espaço público, na rua, no bairro, na escola, na prisão, na casa abrigo, no hospital, na comunidade terapêutica –, em modalidades de agenciamento várias (de sensibilização, de participação, de cidadania, de sustentabilidade), com o objetivo social de melhorar situações reais de pessoas e de populações, em contextos (políticos, económicos e culturais) de transgressão, segregação, exclusão, guetização, estigmatização, discriminação, periferalização, privação, degradação. Valorizados em várias escalas de poder (municipal, nacional, supranacional) como um outro meio para tentar minorar esses “problemas sociais”, os projetos artístico-culturais configuram-se, também, enquanto objetos, instrumentos e resultados de políticas públicas.

Entre artistas e cientistas contraem-se práticas de aproximação, diálogo e cruzamento, na reflexão (teórica), na ação (metodológica e técnica), na intervenção (social). Em ruptura com a tradicional divisão institucional do trabalho arte/ciência, as práticas colaborativas que cientistas sociais e artistas realizam entre si põem em causa, por um lado, uma visão normativa da prática da(s) ciência(s) assente no pressuposto de uma clara demarcação entre os seus procedimentos metódicos e discursivos e os que configuram a prática da(s) arte(s); e, por outro, um pressuposto distintivo incorporado pelo mundo da(s) arte(s) quanto à inviabilidade dos discursos e das práticas reflexivas e interventivas das Ciências Sociais e Humanas sobre este mesmo mundo.

Nesse caminhar, no caso brasileiro, os primeiros literatos procuraram destacar a problemática da identidade nacional ao fazer reflexões sobre a questão da raça e da identidade nacional, em que ficou constatada a defasagem entre a teoria e a realidade (ORTIZ, 1994). Ao mesmo tempo, pode-se afirmar que, no movimento mundial, estava ocorrendo o desenho de fuga do campo para a cidade, para a busca de melhores condições de vida. Contudo, a adaptação ao estilo urbano começou a gerar tensões sociais, em que a vida conduziu a uma estratificação social, ao mesmo tempo em que o poder e suas elites passam a ter preocupação com a estabilidade no âmbito das relações sociais, na conservação de determinados comportamentos e na obediência institucional (CAMELO, 2004).

Nesse sentido, afirma Aristóteles (2018, p. 79):



A natureza deu ao homem as armas que devem ser usadas para servir a prudência e a virtude, mas também podem ser empregadas exatamente para fins contrários. Isso porque o homem é o animal mais impiedoso e o mais feroz dos animais quando ele é sem nenhuma virtude, e o pior em seus distúrbios sexuais e de gula. Mas a virtude da justiça é da essência da sociedade civil, pois a administração da justiça introduz uma ordem na comunidade política, que distingue o certo do errado, o justo do injusto.

Segundo Xingjian (2011, p. 13):

No decorrer do século 20 foram muito comuns as ocorrências nas quais a literatura foi contida, controlada, dirigida e até produzida e julgada pela ideologia. Isso não se aplicou apenas à criação literária: a história e a crítica da literatura também apresentaram muitas vezes a marca da ideologia. Poderíamos dizer que a ideologia foi o mal do século – contra o qual foi difícil imunizar-se – e, para os autores sortudos o bastante para escapar dessa doença do período, isso significou que seus escritos foram preservados, continuando merecedores de leitura em épocas posteriores.

Para que uma teoria ou ensinamento consista numa ideologia é preciso que haja uma estrutura conceitual filosófica somada à representação de uma visão de mundo que tenha como base valores correspondentes. Entre as ideologias, o marxismo sem dúvida teve a estrutura mais perfeita e a influência de maior alcance, causando um impacto profundo em gerações de intelectuais. Nem é preciso dizer que esse foi o pilar intelectual oficial dos antigos Estados Comunistas, mas, durante algum tempo, foi também a principal tendência dos círculos intelectuais de Esquerda de todo o mundo. Liberalismo e Nacionalismo também puderam ser transformados em ideologias, e se tornaram o pensamento e os valores promovidos por partidos políticos e nações. E, no mundo intelectual – que inclui sem dúvida os domínios da literatura e da arte –, Modernismo, Pós-modernismo e até o chamado Pós-colonialismo tinham o potencial de serem transformados em determinados juízos de valor e até em dogmas inflexíveis.

As ideologias foram inicialmente construídas com o objetivo de explicar o mundo, e também de estabelecer sistemas de valores para a sociedade humana que servissem como base razoável para as autoridades do Estado e as estruturas sociais. Se pensamos na filosofia como algo confinado ao pensamento metafísico, então a ideologia está ligada a juízos de valor a respeito da estrutura e dos muitos tipos de vantagens na sociedade. A literatura, por sua vez, é a articulação livre dos sentimentos e pensamentos dos seres humanos, transcendendo essencialmente a utilidade prática, e quando os autores seguem esta ou aquela tendência ideológica de pensamento, eles perdem sua independência de pensamento. Infelizmente, foi assim que, nos tempos modernos, a literatura perdeu com frequência sua autonomia de pensamento e se tornou um acessório da ideologia: a literatura do século 20 deixou para trás muitas lições para todos nós.

A substituição da religião pela ideologia foi outro ato de estupidez do século 20. Sob a bandeira do Racionalismo, e fazendo uso de dogmas utópicos que mudariam o mundo, um grande número de revoluções incitou a violência que trouxe consigo a loucura em massa – às vezes de alcance nacional – responsável por desastres de uma escala sem precedentes na história humana. A literatura que foi trazida para a estrutura conceitual da ideologia, promovendo a violência e a guerra, criando a idolatria a heróis e líderes e incitando ao sacrifício parece agora ter virtualmente desaparecido, mas prossegue o apelo para que a literatura se envolva ativamente. Tratar a literatura como uma ferramenta de transformação da sociedade a equipara ao exercício de pregação da ética, exceto pelo fato de a ética ter sido agora substituída pelo politicamente correto. A literatura do presente não é capaz de se libertar das amarras da ideologia com tanta facilidade, e aquilo que conhecemos



como envolvimento significa o envolvimento na política real. Essa noção de literatura ainda prevalece no mundo intelectual contemporâneo. Hoje em dia é bastante comum que os intelectuais debatam a política, mas, a não ser que a pessoa se envolva pessoalmente com a política, esse debate não costuma ser mais do que um discurso vazio de impacto mínimo na situação política e na sociedade.

Assim, verifica-se que, ao tentar incorporar o elemento político ao funcionamento da literatura, ao longo dos últimos dois séculos, ocorreu uma tendência ao controle da mente e à reengenharia social ligados aos movimentos ideológicos. Embora a ideologia nos conceda direcionamentos, o seu poder total (Totalitarismo) pode acabar conduzindo os seres humanos a procedimentos revolucionários catastróficos, e a literatura deve agir como meio de denúncia e descrição, não como instrumento de controle, sob consequência de perder suas funções precíguas.

Para Goulart (1993, s. p.):

Os temas Estado e dimensão cultural permitem uma aproximação a outro componente do objeto central deste trabalho: a ação política dos movimentos sociais, ou seja, os modos de inserção dos atores individuais, sua percepção de “necessidades” e seus projetos de ação. Coloca-se, assim, em evidência a questão das pautas reivindicativas dos movimentos, seus conteúdos e sistemas de referência, bem como seus aspectos locais/gerais, mais ou menos politizados ou fragmentados. Deve-se tentar verificar as relações entre o grau de politização de um grupo e a autopercepção de seus membros, enquanto clientes/sujeitos, suplicantes/demandantes em relação ao Estado. Da mesma forma, podem ser apreendidas, tentativamente, a percepção que os grupos e indivíduos têm a respeito de categorias que escapam ao paradigma do trabalho e da produção — como, por exemplo, família, relações vicinais, identidade comunitária, vinculação a outras formas de organização que não sindicatos e partidos — e sua influência na ação política de tais atores.

Dessa maneira, constata-se que a função político-social da literatura busca conectar o Estado ao objeto cultural, pelo movimento de seus sujeitos, de forma a influenciar a ação política de atores sociais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura consiste numa das mais variadas formas de expressão do ser humano, no seu meio de atuação, de vivência e de convivência. Por ter um papel importante no desenvolvimento da sociedade, ela vem acompanhada de quatro funções essenciais, a saber: a catártica, a estética, a cognitiva e a político-social.



A função literária catártica trabalha para trazer ao leitor/ser humano a purificação por lhe colocar em contato com situações em que pode acontecer a libertação de sentimentos reprimidos e o afastamento de eventuais consequências e erros pela observação da experiência do outro, tanto que, no teatro antigo, na Grécia, as pessoas podiam desenvolver sentimentos de identificação e rejeição.

A função literária estética nos auxilia a ver o belo, a arte pela arte, pela concessão de carga semântica aos textos que temos contato. É ela a responsável por deixar a literatura mais colorida e menos cinzenta, ao trabalhar com percepções e sentidos, nos auxiliando a trilhar novos caminhos.

A função literária cognitiva é responsável pelo desenvolvimento social em sentido estrito, pois é por meio da aquisição de conhecimento que adquirimos a linguagem e fazemos a intervenção no meio em que estamos inseridos, tomando com base os conhecimentos produzidos pela civilização desde os tempos remotos até os tempos atuais.

A função literária político-social ajuda o ser humano a refletir e a denunciar as estruturas orgânicas e a influência do poder a sua volta. Ela tem por objetivo a mudança e um novo caminhar da sociedade. Porém, não promoverá guerras, mas as evitará pelo auxílio de construção de pensamento de meios mais equânimes.

As funções da literatura, no Estado Democrático, não caminham separadas, mas juntas, a ponto de uma boa obra literária proporcionar ao leitor o contato com as quatro funções literárias, vez que caminhamos para a construção de um tecido social mais incluyente e menos excludente.

7 REFERÊNCIAS

ANDRIOLA, Karin Vaniessa; SILVA, Daniela Silva da. Música e Literatura: Práticas de Ensino a partir da Estética da Recepção. IN: PARANÁ (Governo do Estado). **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**. Vol. 1. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_unicentro_port_artigo_karin_vaniessa_andriola.pdf. Acesso em: 5 nov. 2019.

ARAÚJO, Lucia Deborah; COELHO, Fábio André Cardoso; SILVA, Jefferson Evaristo do Nascimento. O lugar do texto: a terceira margem do ensino. IN: COELHO, Fábio André



Cardoso; SILVA, Jefferson Evaristo do Nascimento; ARAÚJO, Lúcia Deborah (Orgs.). **Literatura, leitura e gêneros textuais** – contribuições do/ao ensino de Língua Portuguesa. Série Língua Portuguesa e Ensino. Volume 3. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2018.

ARISTÓTELES. **A política**. São Paulo: Martin Claret, 2018.

ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. Eudoro de Souza. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1992.

BOCAYUVA, Izabela. Sobre a catarse na tragédia grega. **Anais de Filosofia Clássica**, Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 46-52, 2008. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/FilosofiaClassica/article/download/17037/10377>. Acesso em: 25 out. 2019.

BOSO, Augiza Karla; GARCIA, Daniela; RODRIGUES, Michele de Britto; MARCONDES, Pollyne. Aspectos cognitivos da leitura: conhecimento prévio e teoria dos esquemas. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis**, v. 15, n. 2, p. 24-39, julho/dezembro, 2010. Disponível em: https://revista.acbsc.org.br/racb/article/download/716/pdf_39. Acesso em: 5 nov. 2019.

BURNS, Edward. **História da Civilização Ocidental: do homem das cavernas às naves espaciais**. 30. ed. Trad. Donaldson Graschagem. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas**. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira**. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários Escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/São Paulo: Duas Cidades, 2004, p. 169-191.



CARAMELO, Francisco. A função social e política da literatura sapiencial no Próximo Oriente antigo. IN: SILVA, Ribeiro da *et al.* (Org.). **Estudos em homenagem a Luís Antônio de Oliveira Ramos**, vol. I. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004, p. 353-360.

CASSIRER, Ernst. **Filosofia das formas simbólicas**. I - A linguagem. Trad. Marion Fleischer. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CATARSE. In: **DICIO**, Dicionário Online de Português. Porto: 7 Graus, 2019. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/catarse/>. Acesso em: 15 out. 2019.

CATARSE. In: HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

CHISTÉ, Priscila de Souza. Catarse e ensino da arte. **Revista Palíndromo**, Florianópolis, Universidade do Estado de Santa Catarina, n. 14, p. 45-63, ago./dez. 2015. Disponível em: <http://revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/download/6821/4872>. Acesso em: 20 out. 2019.

DENIS, Benoit. **Literatura e engajamento de Pascal a Sartre**. Trad. Luiz Roncari. Bauru: Edusc, 2002.

ECO, Umberto. **Obra Aberta**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

EXPERIÊNCIA ESTÉTICA LITERÁRIA. In: **CEALE**, Glossário CEALE. Brasil: Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, 2019. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/experiencia-estetica-literaria>. Acesso em: 25 out. 2019.

FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**. 9. ed. Trad. Leandro Konder. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.



FISCHER, Rosa Maria Bueno; SILVA, Tatielle Rita Souza da. Literatura e formação: o prazer do texto entre as margens do sistema escolar. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 23, e230097, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782018000100281&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 7 nov. 2019.

GELHAUS, Axel. Aspectos cognitivos da literatura. **Pandaemonium**, São Paulo, Universidade de São Paulo, v. 15, n. 19, p. 1-16, julho, 2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/pg/article/view/39794/42658>. Acesso em: 5 out. 2019.

GOULART, Audemaro Taranto; TRINDADE, Viviane de Cássia Maia. O caráter estético do texto literário na formação do leitor. **Revista ContraPonto**, Belo Horizonte, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, v. 3, n. 4, p. 111-128, 2013. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/contraponto/article/download/8380/pdf>. Acesso em: 30 out. 2019.

GOULART, Flavio. Representações sociais, ação política e cidadania. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 4, p. 477-486, dez. 1993. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1993000400008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 7 nov. 2019.

ISER, Wolfgang. **O fictício e o imaginário**: perspectivas de uma antropologia literária. Trad. Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

LOPES, Sandra Cristina Rodrigues; SILVA, Débora Cristina Santos e. A escuta de amor na escrita da dor: narrativa autobiográfica como processo catártico. **Educação – Revista do Centro de Educação da UFSM**, Santa Maria, Universidade Federal de Santa Maria, v. 44, p. 1-25, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/download/35473/pdf>. Acesso em: 22 out. 2019.

MACHADO, Eduardo Pereira. O trágico em Medéia. **Revista Travessias** – Pesquisas em Educação, Cultura, Linguagem e Arte, Cascavel, Universidade Estadual do Oeste do Paraná,



v. 5, n. 1, p. 469-480, 2011. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/viewFile/4259/3896>. Acesso em: 21 out. 2019.

MORA, Teresa; RAYNER, Francesca; AZEVEDO, Natália. Introdução - Arte política e social: discursos e práticas. **Configurações**, Universidade do Minho, v. 22, n. 1, p. 7-10, 2018.

OLIVEIRA, Jeciane de Paula; MENDES, Olga Maria Castrillon. O leitor e a estética da recepção: uma proposta de análise de Circuito Fechado, de Ricardo Ramos. **Nonada** – Letras em Revista, Porto Alegre, Centro Universitário Ritter dos Reis, v. 2, n. 25, p. 79-86, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5124/512451511009.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2019.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. **A agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. Disponível em: <http://www.agenda2030.org.br/sobre/>. Acesso em: 10 mai. 2020.

ORTIZ, Renato. **Cultura e Identidade Nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SANTOS, Alessandra Rufino. A importância da literatura como fonte de pesquisa na construção do pensamento social brasileiro. **Examãpaku** – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, História e Relações Internacionais, Boa Vista, Universidade Federal de Roraima, v. 1, n. 1, p. 1-10, 2008. Disponível em: <http://revista.ufr.br/examapaku/article/download/1466/1060>. Acesso em: 7 nov. 2019.

SCWARZELMÜLLER, Anna Friedericka. Sistemas hipermídia facilitando a assimilação da informação. **VI CIFORM** – Encontro Nacional de Ensino e Pesquisa em Informação. Universidade Federal da Bahia. Salvador. 2005. Disponível em: http://ciform.ufba.br/iv_anais/artigos/TEXT006.HTM. Acesso em: 2 nov. 2019.

SILVA, Alexsandro Cordeiro Alves da; IRIYODA, Luciane dos Santos. A catarse em “Gota D’Água”, de Chico Buarque. **Revista Iniciação Científica Cesumar**, Maringá, Centro





Universitário de Maringá, v. 9, n. 2, p. 135-142, jul./dez. 2007. Disponível em: <http://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/icesumar/article/download/554/469>. Acesso em: 29 out. 2019.

SILVA, José Elisson do Amaral; JOB, Sandra Maria. Literatura e Política: as contribuições político-pedagógicas da literatura na formação crítica do aluno. **Anais – I Colóquio de Letras da FALE/CUMB, Universidade Federal do Pará**. Disponível em: http://www.coloquiodeletras.ufpa.br/downloads/i-coloquio/anais/25_JOSE_ELISSEON.pdf. Acesso em: 5 nov. 2019.

VALOR ESTÉTICO. In: **E-Dicionário de Termos Literários de Carlos Ceia**. Portugal: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2019. Disponível em: <http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/valor-estetico/>. Acesso em: 26 out. 2019.

XINGJIAN, Gao. Ideologia e Literatura. Texto original redigido em chinês, para ser lido em duas palestras; de autoria do Prêmio Nobel de 2000. Transcrito do jornal *O Estado de São Paulo*. 2011. IN: ESTEVAM, Mariana. **Literatura e Política, de Ontem e de Hoje: vínculos e fronteiras movediças entre Dimensão Literária e Esfera Política**. São Paulo: ILP/ALESP, 2011. Disponível em: https://www.al.sp.gov.br/repositorio/bibliotecaDigital/21075_arquivo.pdf. Acesso em: 1 nov. 2019.

ZILBERMAN, Regina. **Leitura em crise na escola**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.